

En Doiro,
antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica



Organização

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

revisão editorial

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



estratégias criativas

PORTO

En Doiro, antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica





PALAMEDES, O BÕÕ CAVALEIRO PAGÃO

ANA MARGARIDA CHORA
IELT-UNL
amchora@fcsh.unl.pt

De entre todos os cavaleiros dos romances arturianos medievais, recordamos certamente os mais conhecidos, ou aqueles que mais imediatamente relacionamos ora com a corte de Artur, ora com a aventura do Graal, ora com os mundos feéricos. Nomes como Lancelot, Gauvain, Perceval e Galahad não podem deixar de ser lembrados quando referimos estes contextos. Todos estes heróis são personagens intrínsecas à trama arturiana, fazendo parte integrante do núcleo proveniente da Vulgata¹, se não mesmo, nalguns casos, dos textos que a antecedem.

No entanto, há um herói que surge primeiramente no *Tristan en prose* e, depois, na Post Vulgata², que contribui significativamente para a lógica estrutural do ciclo arturiano. Trata-se de Palamedes, «o bõõ cavaleiro pagão» (como é caracterizado no texto da *Demanda do Santo Graal*), que não aparece nos poemas franceses de Béroul nem de Thomas, nem nas *Folies* (de Oxford e Berne), textos que constituem as fontes primárias do *Tristan en prose*, sendo, pois, um elemento posteriormente inserido no ciclo mítico através deste romance³, e cuja história, aparentemente relacionada por exclusividade com

1. Cfr. Fanni Bogdanow, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, New York, Manchester University Press, 1966.
2. Entendemos *Vulgata* como o ciclo do Lancelot-Graal e *Post-Vulgata* como o ciclo do pseudo-Boron. Os textos estudados neste trabalho pertencem à tradição tristaniana assim como ao ciclo do Pseudo-Boron. Sobre a relação das personagens com a transmissão textual, cfr. Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal: a escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010. Cfr. ainda José Carlos Ribeiro Miranda, Isabel Correia e Ana Sofia Laranjinha, «O ciclo do Pseudo-Boron à luz da mais recente investigação em Portugal», in Lênia Márcia Mongelli (org.), *E Fizerom Taes Maravilhas... Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2012, pp. 233-263.
3. Fanni Bogdanow notou a inserção de Palamedes como um modelo de cavalaria no *Tristan en prose*. Cfr. Fanni Bogdanow, «The character of Gauvain in the thirteenth-century prose romances», *Medium Aevum*, XXVII, 1958, pp. 154-161.

Tristão (sendo que por isso o associamos ao herói, enquanto seu duplo oposto no amor a Isolda, disputando-a sem ser correspondido, tanto na tradição tristaniana como no Pseudo-Boron), se reveste de uma importância muito mais abrangente, cercando os contornos da estrutura simbólica do reino, apesar de, aquando da sua inserção enquanto personagem, os textos já estarem substancialmente afastados do fundo mítico original.

O papel de Palamedes envolve-se de uma dupla funcionalidade: se, por um lado, se apresenta como um mediador⁴ cortês (personagem que estabelece uma relação intermediária entre os reinos) que confere à relação de Tristão e Isolda, no reino da Cornualha (governado pelo rei Marc), um equilíbrio composto de personagens externas, por outro também se manifesta como elemento que complementa a harmonia do reino de Logres (governado pelo rei Artur), ao criar uma alternativa à problemática da abundância, da hegemonia e, conseqüentemente, da ordem simbólica do reino, impondo-se como cavaleiro da “besta ladrador”, uma das maravilhas de Logres.

Esta alternativa, baseada na opção da aventura de Palamedes e que se opõe às aventuras em decurso no reino (designadamente - e sobretudo - a aventura do Graal), é radicada numa característica que lhe confere essa capacidade (da qual partilham os cavaleiros mediadores, que exercem funções de ligação entre o reino arturiano e as aventuras exteriores), residindo no facto de ser uma personagem do “Outro Mundo”. Mas, contrariamente aos demais, Palamedes não vem do meio feérico, embora seja originário de um mundo pagão. Palamedes vem do Oriente, da Babilónia. Este “Outro Mundo” oriental, vagamente descrito como “sarraceno” e “infel”, não aponta para uma localização específica, particularidade aliás comum com o elemento feérico, sendo que as suas personagens também são anónimas. O bom cavaleiro pagão, sarraceno, tem uma obscura origem oriental, apenas esclarecida pelo seu parentesco que o identifica como filho de Esclabor «o Desconhecido»⁵ e, no *Tristan*, como irmão de Saphar (*Sephar li Mesconneüs*) e sobrinho de Alphazar.

A origem oriental de Palamedes comunga do elemento mítico, já que é um herói da mitologia grega que lhe empresta o nome. Palamedes⁶, filho de Náuplio, rei da Eubeia, e herói grego que participou na Guerra de Troia, era caracterizado na *Eneida* e nas *Metamorfoses* de Ovídio como «descendente de Belo», o rei mítico egípcio. Palamedes arturiano tem algumas características semelhantes relativas às raízes míticas guerreiras: de origens orientais (respectivamente Babilónia e Egipto), de alta linhagem, inteligente e estratega nos feitos bélicos (Palamedes arturiano era bom cavaleiro e Palamedes grego perspicaz), admirável, impele o herói principal para o seu destino (tal como Galaaz e

-
4. Cfr. Gilbert Durand, *Figures mythiques et visages de l'Oeuvre. De la mythocritique à la mythanalyse*, Paris, Dunod, 1992; Helder Godinho, «O percurso do herói» in *III Jornadas de Memória Militar. Os Militares, a Ciência e as Artes*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2010, pp. 21-29.
 5. *A Demanda do Santo Graal* (ed. Irene Freire Nunes), Lisboa, I.N.C.M., 1995, p. 353.
 6. A história de Palamedes é narrada nas *Metamorfoses* de Ovídio (livro XIII, vv. 34-81, vv. 306-312) e na *Eneida* de Virgílio (livro II, vv. 81-100).

Ulisses), é contra os feitos de armas desonrosos e ruinosos (respectivamente contra a desonra na demanda do Graal e contra a ruína gerada pela Guerra de Troia), desmascara os outros com o discurso (Artur o Pequeno, Galvam, Atamas o da Fonte e, por sua vez, Ulisses, Epípola), empreendedor na sua demanda (Palamedes arturiano era empreendedor e Palamedes grego foi inventor), foi morto injustamente. É aquele que mostra a verdade, que revela, que resolve os mistérios (respectivamente do reino de Logres, uma das maravilhas, a Besta, e a Fonte; e Ulisses, jogos inventados, também criadores de mistérios, e inventor dos jogos de xadrez e de dados).

Para além da conexão mitológica, a história de Palamedes evidencia uma ligação ao maravilhoso que parte do seu universo familiar. No texto da *Demanda*, o pai de Palamedes, *Esclabor o Nom Conhecido*, conta a sua história a Galaaz e Boorz, albergando-os na sua fortaleza:

«(...) eu som natural de Galilea e foi pagão e som cavaleiro assaz bõo, e por veer as proezas da Gram Bretanha e por provar a cavalaria, onde tam gram nomeada corria pola terra e polo mundo, vim eu aqui, unde pouco ante que rei Artur fosse coroad.»⁷

Esclabor ficara ferido na sequência de um golpe durante a perseguição da Besta Ladrador, que matou onze dos seus doze filhos e cuja morte Palamedes vai vingar. Esclabor é um cavaleiro duplamente comprometido com o “Outro Mundo”: vem de um reino distante para se alojar em Camelot e casa com a filha de um gigante, que fora trazida à corte pelos cavaleiros de Artur («ũa mui freiosa dozela, filha de uũ jaíam que aquel dia mataram em uã montanha»⁸). Este atributo condiciona a natureza de Palamedes, enquanto neto de um gigante. Primeiro, porque muitos sarracenos nos textos arturianos são gigantes ou familiares (sobrinhos ou netos) de gigantes por parte da mãe, obedecendo à lógica da transmissão materna, sendo a força simbólica do avô gigante transposta para Palamedes (um dos melhores cavaleiros). Segundo, porque é uma disfuncionalidade necessária para repor a ordem simbólica através da mulher. A mãe de Palamedes vai para a corte de Artur no momento em que o reino do gigante é dizimado. A mulher é sempre aproveitada positivamente. Esta filha do gigante da montanha vai gerar uma prole heróica, sendo que um dos filhos, Palamedes, será cavaleiro de Artur⁹.

7. *Op. cit.*, pp. 100-101.

8. *Op. cit.*, p. 101.

9. A mãe de Palamedes reaparece noutros textos, mas com características diferentes. No *Tristan en prose*, Palamedes chega a uma fonte junto ao castelo da sua mãe com o rei Marc. O castelo da mãe era muito rico e ela vivia lá com belas damas e donzelas de companhia. Mas não entra, pedindo a um cavaleiro que vá buscar mantimentos; Löseth aponta, na sua análise, o facto de a mãe chorar por não poder ver o filho, mandando-lhe provisões, e salienta que Palamedes não quer que se saiba que ele está ali perto. E. Löseth, *Le Roman en Prose de Tristan. Le Roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise: analyse critique d'après les manuscrits de Paris*, New York, Burt Franklin, 1970, p. 159.

Ela e Esclabor tiveram doze filhos e estiveram juntos doze anos. Os filhos eram todos grandes cavaleiros (na *Demanda*, «todos cavaleiros grandes e arrizados e mui ardidosos», «eram pagãos e eram tam honrados»¹⁰; no *Tristan* «il avoit onze freres mout bons chevaliers»¹¹). Trata-se de um número paralelo ao da Távola Redonda e aos doze cavaleiros da demanda do Graal. E não podemos esquecer que Esclabor é um herói ferido numa coxa, cuja ferida, feita por um golpe maravilhoso, é simbolicamente paralela à do rei Pescador.

A instalação de Esclabor no reino de Logres simboliza inicialmente uma coabitação pacífica com uma descendência pagã. Eilert Löseth, no seu estudo comparativo, refere como Esclabor, um gentil homem pagão da Babilónia, fora à corte do Imperador de Roma com a mulher, o irmão (Alphazar) e os seus doze filhos, sendo que Palamedes era o preferido e tinha o nome de um avô seu. Esclabor salva o imperador do ataque de um leão e cai na graça daquele. Mas, como preferido, é invejado na corte e acaba por ir para Logres onde defende o rei Pelinor de Norhumberlande do ataque de dois cavaleiros e, finalmente, chega a Camaaloth¹². Mais tarde, como relatado num episódio da *Demanda*, Esclabor revela-se um cavaleiro cortês (oferece guarida a Boorz e Galaaz na sua fortaleza, onde estes foram «mui bem recebidos aquel serão»¹³), com um comportamento igual a qualquer cavaleiro cristão da Távola Redonda, tanto assim que Artur nunca pensou o contrário, considerando que o conhecia bem: «E rei Artur e muitos homens bõos que me conhociam, que me tiinham por bõo cavaleiro, todos cuidavam que era eu cristão»¹⁴.

Para além de acompanhar o filho nas batalhas, Esclabor participa com Galaaz na aventura de Simeu (o homem que jazia na abadia, numa penitência de fogo, até à chegada de Galaaz), combate com Galaaz e Artur o Pequeno no cerco do rei Mars e dos Saxões em Camalot, e cura o filho das chagas da batalha contra Galvam (à semelhança dos reis do Outro Mundo, que detêm os conhecimentos regenerativos reservados às fadas¹⁵) e, enquanto convertido ao Cristianismo, aconselha o filho a receber a fé de Cristo.

10. *p. cit.*, p. 101.

11. *Le Roman de Tristan en Prose* (dir. Philippe Ménard), 9 vols., Genève, Droz, 1987-1997, vol. II, p. 164. Esta edição teve como base principal o ms. 2542 da Biblioteca Nacional de Viena (tendo em conta outras fontes comparativas). Para a chamada “versão breve” do *Tristan*, cf. a edição que segue o ms. 757 da Biblioteca Nacional de Paris: *Le Roman de Tristan en Prose. Version du manuscrit fr. 757 de la Bibliothèque nationale de Paris* (dir. Philippe Ménard), 5 vols., Paris, Champion, 1997-2007.

12. *Op. cit.*, p. 439.

13. *Op. cit.*, p. 100.

14. *Op. cit.*, p. 101.

15. Como por exemplo Baudemagus, o pai de Méléagant no *Le Chevalier de la Charrete* e no *Lancelot en prose*.

É neste ponto que Palamedes afirma a sua diferença, através de um processo de maturação distinto do pai, cuja conversão se dá como que por “iluminação”, à semelhança dos percursos hagiográficos. Há uma cisão temporal no seu percurso (antes e depois de se converter), em que Esclabor recebe uma “luz” que provoca a separação relativamente ao percurso pagão, iniciando uma vida cristã. Note-se que Esclabor vive um pouco isolado, à imagem dos santos medievais. Na *Demanda*, é uma personagem que funciona simbolicamente como um eremita, só que, em vez de receber confissão, é ele que narra a sua história.

«Palamedes li Sarradins», como descrito no *Tristan en prose*¹⁶, ou «li filz Esclabor li mescongneuz», como nas *Prophécies de Merlin*¹⁷, é sempre visto na sua individualidade e traços distintivos, contrariamente a outros cavaleiros anónimos do Oriente. Löseth, na sua análise, expõe o facto de Palamedes, sendo pagão, ter aprendido as letras latinas em pequeno¹⁸, tendo apenas quatro anos quando chegou ao reino com o seu pai e os irmãos. Na *Demanda*, Palamedes «nom era fremoso, mais tinha-se por boo cavaleiro»¹⁹, e no *Tristan* nem era um dos cavaleiros com maior estrutura física («Palamidés n'est mie de si grant corsage» segundo Hestor²⁰). Mas era «uû dos milhores cavaleiros do mundo», segundo Lançalot na *Demanda*²¹. Sobretudo, «era o boo cavaleiro da Bescha Ladrador» (segundo Tristam na *Demanda*²²), «Palamades, o pagão, uû dos bõos cavaleiros do mundo que manteve já a caça desta besta bem há XIII anos e chus» (segundo Gaeriet²³), «era de mui gram coração e de bondade de armas»²⁴, «muito ardido»²⁵. Aliás, era o único que podia apelidar-se de «bom cavaleiro» («Mais u roiaume de Logres, ce li est avis, n'en set il nul que on doive apeler le boin cevalier se ce n'est Palamidés tant seusement»²⁶, no *Tristan*). No entanto, não era cristão, facto que o torna conhecido na *Demanda* como «Palamedes, o bõo cavaleiro pagão»²⁷, ou «li boins cevaliers sarrasins»²⁸ no *Tristan*, gerando

16. *Op. cit.*, vol. II, p. 164.

17. *Les Prophécies de Merlin* (ed. Lucy Allen Paton), 2 vols., London, Oxford University Press, 1926, vol. I, p. 227.

18. *Op. cit.*, p. 268.

19. *Op. cit.*, p. 280.

20. *Op. cit.*, vol. II, p. 95. Palamedes é descrito como sendo um cavaleiro da Cornualha.

21. *Op. cit.*, p. 408.

22. *Op. cit.*, p. 292.

23. *Op. cit.*, p. 408.

24. *Op. cit.*, p. 424.

25. *Op. cit.*, p. 431.

26. *Op. cit.*, vol. I, p. 96.

27. *Op. cit.*, p. 290.

28. *Op. cit.*, vol. VI, p. 389.

perplexidade e pesar em torno dessa característica («muito me pesa que nom é cristão», segundo Galaaaz na *Demanda*²⁹).

Mas os traços morais não se ficam pela bondade de cavalaria. Palamedes era um cavaleiro racional, inteligente, ponderado («ja mais ne verrés un chevalier plus pensif»³⁰, no *Tristan*) e crítico relativamente às atitudes dos demais, que afinal eram cristãos, condenando as suas ambições e insensatez. Mostrando-se um cavaleiro sensato e que conhecia as regras da cavalaria tão bem ou melhor do que os da linhagem de Artur, é o único que ousa dizer o que diz aos cavaleiros de Logres (talvez mesmo por pertencer a um mundo exterior), dominando o poder do discurso, que no reino de Artur estava indevidamente confinado a Keu.

Num primeiro nível de significação, Palamedes manifesta-se com enunciados que funcionam como um reflexo, em espelho, da conduta dos outros, contribuindo, de forma positiva, para a maturação destes. Entre as suas sentenças, diz na *Demanda*: «vós sodes sandeu e nescio» (a Ivam o Bastardo, que queria tomar a demanda da Besta³¹); «de folia vos trabalhastes. Vós sodes bõ cavaleiro, mas nom tam bõ que de tam grande cousa como esta vos devèssedes a trabalhar» (a Persival, em relação à demanda da Besta³²); «sodes folom e desdenhoso» (a Artur o Pequeno³³), «Vós sodes daqueles que todas as cousas acabar se tremetem e de cada ùa cousa se partem a onta» (a Galvam³⁴), acusando Galvam de querer uma demanda que só lhe traria desonra (a do Graal) e, antes de acabar a aventura, já começara outra; «Dom Galvam, *porque* sodes tam vilão e tam envejoso?» (a Galvam³⁵), depois de ter chagado Galvam; «Dom cavaleiro, vós me enganastes V vezes. Pa' Santa Maria, nom me enganaredes ja mais» (a Atamas o da Fonte³⁶), desvendando perspicazmente o mistério do cavaleiro que recuperava de todos os golpes.

O posicionamento de Palamedes na trama arturiana divide-se em duas linhas fundamentais, as quais, embora aparentemente distintas, se revelam complementares. A primeira é a da relação (de oposição e rivalidade) relativamente a Tristão, que por sua vez se liga a Isolda. Essa relação é sinuosamente encadeada no passado oriental no *Tristan en prose*. Os antepassados de Tristão estão, de alguma forma, vinculados ao rei da Pérsia, o qual fora noivo de Chelinde, a princesa da Babilónia («*le lor dist qu'ele fu fille au roi de Babiloine, et s'en devoit aler en Perse au roi de Perse qui requise l'avoir a feme*»³⁷) que

29. *Op. cit.*, p. 292.

30. *Op. cit.*, vol. IV, p. 140.

31. *Op. cit.*, p. 85.

32. *Op. cit.*, p. 153.

33. *Op. cit.*, p. 339.

34. *Op. cit.*, p. 409.

35. *Op. cit.*, p. 417.

36. *Op. cit.*, p. 425.

37. *Le Roman de Tristan en Prose* (ed. Renée L. Curtis), 3 vols., Cambridge, D. S. Brewer, 1985, vol. I, p. 42.

casou sucessivamente com Sador (filho de Bron, cunhado de José de Arimateia), o rei pagão Canor e Pelias, rei de Leonis. Tristão é bisneto de Apollo, filho de Chelinde com Sador. Isto faz de Tristão descendente de uma figura feminina do Oriente.

Ao longo das narrativas, Palamedes justa diversas vezes com Tristão, rendendo-se na *Demanda* («eu me outorgo por vencido desta batalha»³⁸), ou deixando Tristão sem poder fazer nada (pois este queria matá-lo). Palamedes demonstra dignidade ao reconhecer que o outro é melhor do que ele, não pretendendo fazer frente a essa realidade. No *Tristan*, revela-se rival do herói epónimo, mas ainda assim é socorrido por este em muitos combates e proezas de armas, sempre admirando as façanhas de Tristão. Nesta medida, o papel de Palamedes parece ser o do próprio favorecimento da imagem de Tristão. Segundo Alain Corbellari, «Palamède apparaît ainsi comme l'ombre, au sens presque jungien du terme, de Tristan: il faut qu'il diminue afin que Tristan croisse, mais il ne faut surtout pas qu'il disparaisse»³⁹.

No *Tristan*, apaixonado por Yselt e ciumento, Palamedes lamenta o seu amor e canta docemente um lai («Lai de Palamedes»), enquanto estava na Joyeuse Garde, o que provoca a revolta de Tristão⁴⁰. O texto da *Demanda* refere que Palamedes amou Iseu desde que a viu na Joiosa Guarda, no episódio do refúgio dado por Lancelot⁴¹. No entanto, o *Tristan en prose* adianta um pormenor fundamental: Tristão passa a amar Yselt (Isolda) por ver Palamedes amá-la⁴². Logo, é Palamedes quem ama primeiro:

«Tant regarde Palamedes Yselt que Tristanz s'en aperçoit, et bien conoist a son semblant qu'il l'aime de tot son cuer. Tristanz avoit mout avant regardee Yselt, et mout li plaisoit, mes son cuer n'i avoit pas mis dusqu'a l'amer granment. Et neporquant, puis qu'il vit que Palamedes i entendoit si merveilleusement qu'il dit ou il morra ou il l'avra, Tristanz redit a soi meïsmes que ja Palamedes por pooir qu'il ait ne l'avra. S'il est bons chevaliers, si soit; il en a d'ausi bons par le monde. Et il meesmes, qui estoit bien gariz, dit qu'il fera autretant d'armes en un jor com fist devant hier Palamedes»⁴³.

38. *Op. cit.*, p. 286.

39. Alain Corbellari, «Ah, je pleure de me voir si laid en ce miroir: Palamède en anti-Narcisse» in Denis Hüe, Anne Delamaire e Christine Ferlampin-Acher (ed.), *Actes du 22e Congrès de la Société Internationale Arthuriennne 2008*. <<http://www.uhb.fr/alc/ias/actes/index.htm>> [20-08-2015]

40. *Op. cit.*, pp. 96-102.

41. *Op. cit.*, p. 280.

42. Cfr. Helder Godinho, «L'Amour comme texte et médiation: l'exemple du Moyen Age», in Fleur Vigneron e Kôji Watanabe (org.), *Voix des Mythes, Science des Civilisations. Hommage à Philippe Walter*, Berne, Peter Lang, 2012, pp. 417-425.

43. *Tristan en Prose* (ed. Curtis), vol. II, pp. 164-165.

Emmanuèle Baumgartner notou a existência de um “amor-próprio” em Tristão pelo facto de ter começado a amar Yselt (Isolda) ao querer sobrepor-se a Palamedes⁴⁴. Tristão ama Yselt por desdobraimento relativamente a Palamedes. Ambos olham para o mesmo espelho. É o facto de ver “outro” no seu espelho que faz com que Tristão queira eliminar o duplo. Este é o segundo nível de significação do reflexo produzido por Palamedes no “outro”, o qual, através de uma série de aventuras, conduzi-lo-á à sua própria maturação.

No entanto, Palamedes é recolocado no ciclo arturiano ao enveredar por uma aventura dentro do reino de Logres, em detrimento da sua rivalidade com Tristão⁴⁵. Tristão é um desdobraimento de Lancelot no que se refere à estrutura do par amoroso, cujo papel diferenciador garantia a alternância da posse da mulher (soberana) no reino⁴⁶. E Palamedes vai surgir, por sua vez, no reino de Logres como um elemento também diferenciador alternativo. Segundo Helder Godinho, “Tristão não evolui, não conquista o seu reino, nem o espaço para instalar o seu Presente no decurso da lógica implacável da temporalidade”⁴⁷. Contrariamente a outros heróis que fazem uma cisão temporal com o passado, conquistando o seu reino⁴⁸, Tristão vive a “alternância do ciclo”, relativamente à posse da soberana, sem evoluir para uma nova condição, apesar de todas as glórias cavaleirescas que colocam os demais heróis à sombra, designadamente Palamedes. Este, porém, não conseguindo superar Tristão na cavalaria, supera-o na sua maturação edificante (pois tornar-se-á cristão), evoluindo para uma lógica que rompe com o ciclo da alternância da posse da mulher. No *Tristan*, Palamedes é visto como um cavaleiro que tenta substituir o herói principal, Tristão, mas que permanece à sombra deste, nunca conseguindo vencê-lo, apesar de todas as proezas⁴⁹. Ainda que Palamedes passe, de facto, por inúmeras aventuras ao longo de qualquer narrativa da Post Vulgata, quer participando em torneios, quer

44. Emmanuèle Baumgartner, *Le Tristan en Prose: essai d'interprétation d'un médiéval*, Genève, Droz, 1975, p. 104.

45. Cfr. Damien de Carné, «Tristan dans la forêt d'Arvances: écart et miroir du roman», in C. Connochie-Bourgne (ed.), *La Digression dans la Littérature et l'Art du Moyen Âge*, Aix-en-Provence, Presses Universitaires de Provence, 2005, pp. 73-83.

46. Cfr. Philippe Walter, *Le Gant de Verre. Le mythe de Tristan et Yseut*, La Gacilly, Éditions Artus, 1990.

47. GODINHO, Helder, «A Poesia, o amor e a concepção do Mundo» in *A Imagem do Mundo na Idade Média: actas do colóquio internacional* (org. Helder Godinho), Lisboa, ICALP, 1992, pp.35-39 (p. 37).

48. Como é o caso de Lancelot. Cfr. CHORA, Ana Margarida, *Lancelot - do mito feérico ao herói redentor*, Lisboa, Colibri, 2004.

49. Cfr. Patricia Michon, «Palamede dans les romans arthuriens de la Péninsule Ibérique», *Travaux de Littérature*, 9, 1996, pp. 7-20.

salvando cavaleiros⁵⁰ ou justando contra outros⁵¹ (na *Demanda*), quer salvando damas, quer ainda sendo salvo por outros cavaleiros e ajudando a acabar com estranhos costumes de castelos⁵², é como elemento diferenciador no reino de Logres que vai ultrapassar o seu duplo, Tristão.

A segunda linha de posicionamento de Palamedes no ciclo relaciona-se, pois, com as “Maravilhas do Reino de Logres”, as quais constituem estruturalmente uma alternativa à problemática do Graal e preponderância dos reinos, a qual oscila, por seu turno, com a questão da rainha e da sua posse. Deste modo, parece ser mais interessante a função de Palamedes na lógica do reino de Logres do que no que se refere à analogia com Tristão, relativamente ao qual é mais conhecido.

Enquanto herói de dupla natureza (mundo pagão e mundo “sobrenatural”, os quais convergem harmoniosamente no mundo cavaleiresco), Palamedes resolve, na *Demanda*, uma das maravilhas do reino de Logres, a da “Fonte Aventurosa”: passa pela Floresta das Serpentes (acompanhado por Galaaz) e chega à Torre do Jaiam (gigante), cujo cavaleiro ganhava força cada vez que justava (pois bebia da «Fonte da Guariçom»); salva o próprio Cavaleiro da Fonte, ao vencê-lo, e liberta quatro cavaleiros de Artur. A Torre do Gigante é, pois, curiosamente apenas vencida pelo neto também de um gigante.

Mas a sua demanda é outra, apesar de ser também uma das maravilhas do reino. Palamedes é tido como o «cavaleiro da Besta Ladrador»⁵³, outra das maravilhosas aventuras

50. Na *Demanda*: salva Bliobleris; ajuda Tristão (ajuda-o a subir ao cavalo, derribado numa justa) junto ao castelo Lespar; pretende ajudar Artur no cerco do rei Mars e dos Saxões em Camalot; salva Galvam, Gaeriet, Bliobleris e Sagramor da prisão de Atamas; No *Tristan*, dolorido e triste, parte à aventura e lamenta-se a outro cavaleiro que, por sua vez, também faz a sua lamentação (Espinogre de Sorelois). Palamedes prontifica-se a ajudá-lo em combate. Cfr. Mário Martins, *Os Prantos de Palamedes no “Tristan” e na “Demanda do Santo Graal” em Medievo-Português*, Braga, Tip. Editorial Franciscana, 1980.

51. Na *Demanda*, justa quase sempre com cavaleiros que também querem a demanda da Besta Ladrador, como Ivam o Bastardo, Glifet, Estor, Boorz, Gaeriet e Persival, ou então quando vai no encalço daquela, sendo confrontado por Lançalot e Gaeriet; combate Artur o Pequeno na defesa do reino de Logres; é confrontado por Lancelot (acompanhado por Estor) depois de partir de Corberic. Nas *Prophécies*, Palamedes e Saphar fazem guerra contra contra Karados de la Doulereuse Tour. No *Tristan*, combate com Galaad e Artur o Pequeno (Artu le Petit), tal como surge na *Demanda*.

52. No *Tristan*, é salvo por Lancelot da prisão; torna-se companheiro de Dinadan, chegando ao castelo de Morgain e combate Lamorat de Gales, com quem faz a paz, acabando com o costume do castelo de Morgain (em que a obrigação de justar levava o vencido a ficar sem armas e sem cavalo).

53. Cfr. Edina Bozóky, «La “Bête Glatissant” et le Graal. Les transformations d’un thème allégorique dans quelques romans arthuriens», in *Revue de l’Histoire des Religions*, vol. 186, 2, 1974, pp. 127-148.

do reino de Logres (cuja popularidade peninsular na época é inclusivamente atestada na cantiga «Disse um infante ante sa companha» de Fernand' Esquio⁵⁴).

A natureza pagã e mágica de Palamedes coloca-o na posição de “eleito” para uma aventura que rivaliza com a do Graal, no plano pagão. Ao pôr fim à demanda da Besta e revelar o seu mistério, ele anuncia o fim de todas as aventuras do reino de Logres. Palamedes mata a Besta Ladrador imediatamente antes de Galaaz curar o rei Peleam, resolvendo, simetricamente, outro problema do reino.

A ferida de Esclabor equipara-se e substitui a do rei tolheito. Note-se que a Besta fora perseguida e ferida com uma lança, por um dos filhos, na coxa. Na *Demanda*, Esclabor acordara «ferido de a lançada per meo do corpo»⁵⁵ e o filho que ficara no castelo era o mais velho (Palamedes), jurando vingar a morte dos seus irmãos.

Ao sarar-se a ferida dá-se início a um novo ciclo. Se a morte da Besta equivale à eliminação do passado (o monstro que assombrava a memória dos irmãos mortos e que é aniquilado pelo herói), o seu fim prenuncia a queda do reino.

Mas o mais interessante é que, ainda assim, Palamedes não sucumbe ao término das aventuras, tornando-se um dos cavaleiros da demanda do Graal. Desempenha, paralelamente, um papel de destaque, ao ser um dos cavaleiros que, juntamente com Galaaz e Persival, chega a Corberic, facto que contribui para o seu reposicionamento simbólico no ciclo. E embora seja Galaaz a ver a “lança que sangra”, o Graal e a curar o rei Peleam, Palamedes é um dos doze cavaleiros⁵⁶ que partilham do manjar do Graal. E talvez, precisamente, devido à analogia entre Persival e Palamedes em relação à Besta: ambos queriam acabar a demanda dos pais («meu padre, rei Pelinor, a seguiu gram tempo e nom lhe pôde dar cima» - diz Persival na *Demanda*⁵⁷). É o reflexo do passado que se projecta no futuro. É este o terceiro espelho mediador de Palamedes em relação ao “outro”.

A participação na aventura do Graal reveste-se de excepcionalidade, pois se, por um lado, confirma a aceitação de mudança do mundo de pertença no culminar de um percurso entre dois mundos, através da cristianização, tendo sido o único filho de Esclabor que se manteve com uma qualidade bivalente até ao término da maturação («tout li frere Palamidés estoient crestien fors Palamidés seulement, qui en nule guise ne s'acordoit as

54. Fernando Esquio, trovador galego de finais do século *XIII* e início do século *XIV*. Cantiga de Escárnio e maldizer (CBN 1607, CV 1140): «Disse um infante ante sa companha / que me daria besta na fronteira, / e nom será já murzela nem veira, / nem branca, nem vermelha, nem castanha; / pois amarela nem parda nom for, / a pram será a Besta Ladrador / que lh'adurám do reino de Bretanha» / (...) A cantiga fala sobre um senhor que estava a demorar na entrega de um cavalo prometido, descrito à semelhança da fabulosa Besta Ladrador, tal é a estranheza relativamente à palavra desse senhor.

55. *Op. cit.*, p. 102.

56. Palamedes, Galaaz, Persival, Boorz de Gaunes, Meliam de Dinamarca, Elaim o Branco, Artur o Pequeno, Meraugis de Porleguez, Claudim, Lambeguez, Pinabel da Insua e Persidos de Calaz.

57. *Op. cit.*, p. 153.

crestiens fors de cevalerie et de compaingnie»⁵⁸, segundo o *Tristan*), por outro, continua a conferir ao Graal a heterogeneidade da comunhão e o envolvimento de figuras compósitas na consecução dos seus feitos.

Se Palamedes não obtém a integração na Távola Redonda pelos feitos de armas em favor de Artur, apenas irá alcançá-la pela assimilação espiritual. Na *Demanda*, Galaaz recusara a ajuda de Palamedes no cerco do rei Mars e dos Saxões em Camalot, pois Palamedes não era cristão, pelo que este se vira para o lado do rei Mars («Senhor, pouco me preçastes quando me nom quisestes contar por cavaleiro»⁵⁹), mas não chega a servir o rei Mars porque este fere o seu pai. Artur, por sua vez, persuade Palamedes a converter-se ao Cristianismo («Fazede o que vos digo e rogo e dar-vos-ei esta cidade de Camaalot, que é a cidade do mundo que mais amo!»⁶⁰), mas Palamedes afirma que não fora lá para se converter, embora diga que se o fizesse fá-lo-ia apenas pelo rei. Galaaz poupa-lhe a vida em troca da conversão religiosa⁶¹ e Palamedes torna-se cavaleiro da Távola Redonda e companheiro de Galaaz⁶², dizendo que queria entrar na demanda do Graal. E, para tal, teria de ser primeiro “companheiro da Távola Redonda”. Com a conversão, cura-se miraculosamente das feridas («E a maravilha foi tal que, de totalas chagas que havia, foi curado tanto que entrou na santa água do bautismo...»⁶³), pondo término a um percurso bivalente, cuja nova cisão do tempo, simbolizada pelo momento do baptismo, marca uma iniciação num mundo unilateral.

Palamedes é morto à traição por Galvam (acompanhado por Agravaim). Note-se que Galvam é aquele que traz a desgraça ao reino e começa por matar o cavaleiro da revelação, da alternativa...

Contrariamente à magia feérica, presente nos textos da Vulgata e nos seus antecedentes, que salva o reino (já que os heróis criados pelas fadas salvam a terra), a magia pagã condu-lo ao fim. A demanda de Palamedes marca o fim do reino, tal como, equiparadamente, o faz a aventura de Galaaz. Palamedes não salva o rei, mas salva-se a si mesmo. O reino evoluíra da magia para a espiritualidade. Não restava lugar para o maravilhoso pagão senão deixando outro reino emergir. Era tempo de matar o passado. Palamedes cumpriu o dever, deixando para trás outra questão de outra rainha que não evoluiu como a de Artur nem o cavaleiro que a salvava. Palamedes prefere equiparar-se a Lancelot do que a Tristão, garantindo um lugar decisivo entre os principais heróis arturianos.

58. *Op. cit.*, vol. VI, p. 68.

59. *Op. cit.*, p. 348.

60. *Op. cit.*, p. 353.

61. *Op. cit.*, p. 418.

62. *Op. cit.*, p. 420.

63. *Op. cit.*, p. 420.